

DA AÇÃO INDIRETA

Pedro Agostinho

1. A OPOSIÇÃO

À medida que a industrialização e militarização das economias nas grandes nações se acentuam e se tornam interdependentes, as decisões políticas são em grande parte condicionadas por seus aspectos militares, incluindo como militares não só os relativos ao uso da força armada, mas também os de manter funcionando as vias de comunicação e os centros abastecedores dos complexos industriais, de que ela depende, e que procura defender e expandir. Assim, estratégia, grande estratégia e política nem sempre se distinguem, tendendo antes a fundir-se numa só grande estratégia de alcance global e níveis diversos de aplicação, cujo objetivo a curto prazo é o aumento ou pelo menos manutenção das áreas de influência. E a prazo mais longo, a eventual provocação do colapso de um dos grandes sistemas sócio-políticos que se defrontam, com a extensão do sistema competidor às regiões antes controladas pelo outro, e o acesso aos recursos econômicos — materiais e humanos — que isso representa.

Universitas, Salvador Nº 21: (7 -26) 1978.

Poremos imediatamente de parte, e por um artifício necessário ao desenvolver da análise que se quer objetiva, as linhas de cisão e mesmo ruptura, verificáveis entre os países agrupados sob um ou outro dos sistemas, obtendo assim, e de forma algo simplista, dois campos bastante nítidos: o comunista e o capitalista, entre os quais se trava a competição principal, que não exclui competições secundárias, pelas parcelas ainda não definitivamente atribuídas, ou pela substituição, noutras, do prévio ocupante. Esse por de parte justifica-se por pesarem mais, no jogo de forças internacional, os interesses que por esses campos se definem, do que aqueles que os podem dividir: o que ficará adiante talvez provado, ao mostrar como os movimentos se completam — como em bem concertado tabuleiro — embora não emanem de uma direção única e central. Será, portanto, com estas premissas que procuraremos pensar, entender e avaliar o alcance, por um prisma essencialmente estratégico, da ampliação da guerra no Laos e no Camboja.

2. A GEOGRAFIA DOS BLOCOS

Geoestrategicamente falando, poder-se-ia por **continentalidade** como característica fundamental do campo russo-chinês, que, pela continuidade geográfica dos territórios e áreas de influência, se contrapõe à fragmentação dos territórios do campo ocidental, com o Atlântico entre seus maiores focos de poder, e suas áreas complementares espalhadas pelo mundo.

Dessa continentalidade decorre que as linhas de comunicação entre os centros de decisão, as zonas industriais, as fontes de matéria-prima e as forças que a todos defendem são predominantemente terrestres e protegidas por fronteiras nacionais, tornando-se razoavelmente seguras e pouco vulneráveis, em conflitos periféricos e convencionais que às últimas respeitem e a partir das quais a expansão se processe. Quer isto dizer que mesmo quando ela se dá por estímulo e auxílio às guerras de libertação nacional, o corte das comunicações na verdadeira retaguarda se torna virtualmente impossível, ou pelo menos muito problemático, para um adversário que estaria obrigado a investir contra país oficialmente não-combatente, com todos os riscos inerentes de guerra total: o que o limita a ações parciais e quase sempre diretas, sem poder ocupar ou pelo menos bombardear a origem dos suprimentos inimigos (a).

A continentalidade explica também a constituição de suas forças armadas convencionais e da arma aérea que lhes dá cobertura. No caso chinês, digno de nota é apenas o exército, pois a esquadra é praticamente simbólica e a aviação relativamente ignorável. Mas os russos têm seus efetivos terrestres altamente mecanizados e distribuídos ao longo das faixas fronteiriças, com a concentração máxima na mais curta delas: a da Europa Ocidental. Isto revela bem por onde esperam o maior perigo, se

se considerar que têm aí mais divisões que em qualquer outro ponto, e que a elas se juntam as dos países do Pacto de Varsóvia, apoiadas, todas, nas divisões da Rússia européia: em número, o total é bem superior ao próprio exército chinês (1). Também a armada soviética parece pensada em termos de continentalidade, se atentarmos à sua composição: a frota de superfície consta principalmente de navios ligeiros e destinados a operar em águas costeiras, e de cruzadores e destroieres; mas estes não se podem aventurar a operações bélicas a longas distâncias, sem correr a ameaça da falta absoluta de cobertura aérea, pois não inclui aquela um único porta-aviões. A não existência do parcial herdeiro, nas funções, do obsoleto couraçado, permite crer que a arma naval russa de superfície se destina essencialmente à defesa de seus mares, dos de seus aliados, e anti-submarina, porque a aviação naval se acha baseada em terra e, portanto, restrita a um certo raio de ação (b). Assim pensada, a armada soviética o é logicamente, dado que as saídas de que dispõe, para o mar, são acanhadas e facilmente bloqueáveis, o que, historicamente, foi sempre um de seus maiores problemas e óbices estratégicos (2); e um dos que impediu a cabal participação da Rússia na expansão ultramarina européia a partir do século XIX.

É esta expansão, e o resultante comércio marítimo de longo curso, que torna morosas, e por demais extensas, as linhas de comunicação ocidentais, expondo-as e tornando-as vulneráveis à ação indireta contra as metrópoles, que indicou o sentido ao desenvolvimento do poder naval russo: o de criar a maior frota submarina do mundo, atômica e convencional. Ao seu valor contra as rotas de navegação e abastecimentos vitais, soma-se o de fornecer, senão com a vantagem do número, ao menos com a da invulnerabilidade, bases de foguetes nucleares próximos ou mesmo à retaguarda do potencial inimigo — num caso os Estados Unidos, no outro os membros da OTAN. Ao que se alia o fato de, pelo simples tratar-se de submarinos, lhes ser mais fácil furar um bloqueio, como o provaram os alemães nas últimas guerras. Diga-se de passagem, aliás, ser a situação da Alemanha diante de uma estratégia marítima, muito semelhante à da Rússia, só que, suportando a falha de não possuir os recursos necessários ao funcionamento de sua economia e máquina de guerra, teve de os procurar ao longe, por mar, ou em suas adjacências, pela conquista: principalmente petróleo. Coisa que, evidentemente, aos russos não acontece.

Havendo chegado ao problema da dependência do Ocidente, e especialmente da Europa Ocidental e do Japão, de suas vias de navegação, e ao de depender também de petróleo muito afastado dos centros de consumo, cremos tocar em ponto essencial para a compreensão dos atuais conflitos armados, e, em particular, de sua localização geográfica. Tanto o teatro de guerra do Oriente Médio, como o do Sueste Asiático, combinam dois fatores cruciais: a proximidade de regiões petrolíferas e de pontos de estrangulamento das comunicações por mar. Quer dizer, a proximidade do petróleo escoado pelo Golfo Pérsico, e do Canal de Suez;

dos campos produtores indonésios, e do Estreito de Malaca. Crescendo este de importância por conduzir também, vinda do oeste, boa parte do petróleo que sustenta o Japão. A luta do Vietnã implica na possibilidade do vencedor controlar as rotas do petróleo, forçando-as a eventuais desvios que só as tornariam mais vulneráveis a ataques submarinos; algo semelhante já aconteceu devido ao conflito árabe-israelense, e com conseqüências idênticas, como o prova a transferência do caminho dos petroleiros do Suez para a volta do Cabo (c). Hoje, quase todos os recursos petrolíferos da Europa Ocidental dependem de uma linha de comunicações que, por sua extensão, é capaz de ser atingida seriamente pelo crescente poder submarino soviético, vindo isto emprestar nova importância estratégica à África Austral e à costa oriental da América do Sul. Parcialmente embora, isto faz entender todos os pertinazes esforços do Ocidente para garantir, aí, sua influência (d). Deve-se ainda considerar que os problemas econômicos, e a desintegração dos impérios coloniais no pós-guerra, levaram os estados europeus a abandonar pontos-chave longamente dominados na África e no Oriente, o que contribuiu para desproteger as rotas de comércio, abrindo ao mesmo tempo claros nas áreas de influência: pelos quais logo se estabeleceu competição.

Esta obrigou os Estados Unidos a um progressivo envolvimento ultramarino, a maiores cargas financeiras (e), e a uma dispersão de forças e compromissos que em nada os favorece. Pode-se, sem que isso constitua novidade, considerá-los como a única potência ocidental realmente capacitada a intervir, sempre que isso implique em transportar e abastecer tropas pelo mar e em ter a correspondente supremacia naval: a qual lhe pode entretanto ser subitamente contestada, pela ação submarina contra as linhas de suprimento e retirada (f).

3. O TEATRO OCIDENTAL

Concentrada como vimos a maior força comunista sobre sua frente ocidental, e considerando que diante dela se acha também a maior concentração do Ocidente em áreas não-conflagradas (com exceção do território norte-americano) (3), torna-se patente ser aí, onde um choque convencional evoluiria rapidamente para o conflito atômico, que mais interessa manter o equilíbrio. E que, portanto, é onde menores possibilidades há de eclodirem conflitos armados: ninguém ataca o inimigo em seu ponto mais forte, sem contrariar todas as normas de guerra (g). É isto que se reflete em bastante recentes acontecimentos de política externa e interna, a um e outro lado da divisória OTAN-Pacto de Varsóvia.

Quando os estudantes franceses saíram às ruas e abalaram nos alicerces o regime político e econômico do país, causou espanto a sobriedade com que se portou o partido comunista, e a maior sobriedade do comportamento soviético; mas essa sobriedade, se vista friamente à luz

dos eventos posteriores, era a única compatível com o equilíbrio de forças na Europa. Na França, havia três possibilidades, uma delas talvez, paradoxalmente, impossível: a vitória, com concessões embora, do *status quo*, como efetivamente sucedeu; a vitória, esta sem continuidade possível por falta de coordenação para o exercício do poder, da extrema esquerda e liberais sem a participação do partido comunista, e, portanto, do operariado urbano; e a vitória de todas as esquerdas unidas. Sendo as duas últimas hipóteses, sob o prisma das conveniências estratégicas do Pacto de Varsóvia, ou, para simplificar, soviéticas, simplesmente desastrosas. Disto se conclui que a vitória do centro e das direitas era, na conjuntura, a que mais lhes convinha.

Na segunda das hipóteses, a pouca simpatia russa por regimes de esquerda nos quais o Partido tradicional não prepondera ou domine é tão notória que não se precisa expor. E vencerem as esquerdas radicais significaria, na improvável eventualidade de se aguentarem no poder, mais um fator de dissensão nas já precárias relações dos componentes do campo euro-russo-chinês, e nova peça, de difícil controle, no tabuleiro europeu. Nada disso representaria um ganho para os objetivos locais da grande estratégia soviética.

Na terceira hipótese, por si mesma a mais embaraçosa de todas, a Rússia estaria compelida a prestar ajuda ao novo regime, sob pena de grave quebra de prestígio. Essa ajuda, tudo o que indica, seria jogada forte demais para ser tolerada pela OTAN, cujos perturbados esquemas de defesa sofririam as conseqüências da política gaullista: uma França pró-soviética desarticulária por completo a estratégia ocidental, e isto acarretaria inevitável resposta, provavelmente a intervenção armada. Ao que esta poderia levar, já se viu atrás. No caso da intervenção não se dar, a França, situada para além de países neutros, neutralizados ou integrantes da OTAN (Suíça, Áustria, Alemanha Ocidental e Itália), e tendo pela retaguarda as Ilhas Britânicas, seria posição onerosa, senão logisticamente insustentável. Assim, às considerações estratégicas de uma política de blocos e áreas de influência, se tiverem de curvar as considerações e talvez escrúpulos de doutrina política e ideológica: o que vem favorecer o ponto de vista de que são as realidades geográficas e estratégicas as que mais pesam nas decisões das grandes potências industriais e militares, ao executarem sua grande estratégia e perseguirem seus objetivos finais.

Semelhante ponto de vista vê-se corroborado se nos virarmos para os posteriores acontecimentos na Tchecoslováquia, sem que isso implique em ignorar as variáveis estritamente político-ideológicas do problema. Mas deve-se notar que algumas dessas variáveis surgiram também, embora mais moderadas, na Romênia, e com virulência bem superior, na Albânia: sem que nenhuma ação de conjunto fosse dirigida contra qualquer dos países. Esse proceder parece justificar-se pela posição geográfica que ocupam: a Albânia, agressivamente pró-chinesa, está

isolada do Pacto de Varsóvia pela de há muito independente Jugoslávia, cujo singular neutralismo interessa pouco a qualquer dos campos violar; e a Romênia acha-se, por um lado, afastada do principal **front** potencial e das concentrações adversas, e por outro, próxima a seus aliados que a podem submeter, ao menor alarme a oeste, por terra e pelo Mar Negro.

O mesmo não acontece com a Tchecoslováquia: o equilíbrio na frente ocidental não se mede apenas pelo número de homens e pela qualidade do material, mas muito, e decisivamente, pelas posições ocupadas e características apresentadas. Basta olhar um mapa para ver como a frente, antes e depois da manobra intervencionista do Pacto de Varsóvia, se apresenta a grosso modo retilínea. Imaginando-se retirada a Tchecoslováquia, surge grande reentrância no centro do dispositivo, a qual seria verdadeiro convite à introdução de uma cunha em caso de conflito. Numa ofensiva terrestre para leste, estarem os tchecos pouco dispostos à resistência, pouco submissos à disciplina do bloco, ou na pior das hipóteses passados para o adversário, abriria caminho à repetição, com maior alcance, do movimento de von Rundstedt ao invadir a Polônia. Desta vez, ficariam expostos não só o flanco sul polonês, mas seu equivalente da Alemanha Oriental, e o norte da Hungria; e muito aumentada a extensão da frente, exigindo rogação, redistribuição ou reforço de tropas na tentativa de reequilibrá-la, o que não anularia imediatamente a vantagem inicial do Ocidente.

Se o governo de Praga, apesar de seus protestos de fidelidade ao sistema comunista, se apresentava suspeito a seus aliados, essa suspeição criava um ponto fraco nas defesas do Pacto; e sabe-se como na guerra se exploram os pontos fracos. Determinantes **geoestratégicas** mostram-se, pois, básicas na resolução de intervir, apesar da previsível tempestade política que se seguiria, vinda da China, da Albânia, da Romênia e dos partidos, de tendência russa ou chinesa, dos países ocidentais. Esse risco calculado era inevitável, mas, não restando estrategicamente escolha, teve de ser corrido, assim como o da reação das potências ocidentais, as quais demonstraram na prática que bem o compreendiam e mesmo respeitavam, contentando-se com advertir que a Jugoslávia devia ser poupada a qualquer invasão. Equivale isto a dizer que a situação na Europa devia manter-se estacionária, sem alterações na frente entre os dois campos, e a isto se limitou até agora o Pacto de Varsóvia. Poder-se-ia, portanto, concluir que a derrota das esquerdas em França e a intervenção na Tchecoslováquia são complementares, e que a já vista sobriedade comunista na crise francesa teve, como em tácito acordo, durante a crise tcheca sua contrapartida ocidental.

Admitimos ao iniciar o artigo que o objetivo político da grande estratégia de ambos os blocos é a ampliar o âmbito geográfico dos respectivos sistemas, e em última análise levar ao colapso e substituir o sistema competidor. Teremos agora de admitir que, se é esse o objetivo, e

se a principal zona de confronto tende à estabilidade, obrigatoriamente surgirão novos pontos de atrito, onde um ou outro adversário procure ganhar terreno; e ainda que isso venha a ocorrer onde houver menor resistência, maior vantagem estratégica e mais consideráveis danos econômicos serão provocados. A confusa situação do Oriente Médio e de seu mosaico de regimes políticos e sociais e interesses internacionais, que dividem a unidade étnica árabe, só coesa pela oposição, que se manifesta em guerra, à etnia judaica (h), prova-se de fácil e frutuosa exploração. Perto estão as regiões do petróleo, um nevrálgico estrangulamento das vias marítimas, e a costa africana do Mediterrâneo.

Não será preciso voltar atrás, a uma data anterior aos levantes de maio, para mostrar que a primeira e mais evidente consequência da Guerra dos Seis Dias foi o desvio dos petroleiros para o Cabo da Boa Esperança, e a exarcebção dos sentimentos anti-ocidentais após a frustração da derrota: sentimentos esses que logo se traduziram em exigências crescentes sobre os direitos petrolíferos. Nem tampouco para lembrar que isso onerou os custos de produção e transporte, além de expor as rotas de entrega a uma eventual ameaça submarina, pondo assim a Europa em difícil condição.

Mas, se esses foram os efeitos imediatos, a longo alcance outros vieram, e talvez mais importantes. Porque a aparente vitória de Israel e a destruição do exército árabe constituíram-se, realmente, numa vantagem para os russos: seus laços com os árabes, em progresso desde as negociações sobre Assuan, tornaram-se críticos para o reequipamento e treino das tropas vencidas, e isto gerou uma ampliação em profundidade de sua esfera de influência. Ampliação essa tão grande que lhes permitiu substancial aumento no número de técnicos e assessores militares, e a presença de uma força naval no Mediterrâneo levantino (i). Nessa presença se revela, aliás, notável persistência de propósitos, desde os tempos em que a Rússia czarista buscava uma saída para o Mar Negro. De qualquer forma, seu caráter de esquadra de intervenção local e de dissuasão da intervenção de terceiros descobre-se por incluir porta-helicópteros, com tropas de infantaria de marinha. Pela proteção aos suprimentos vindos dos Dardanelos e pelo poder de se mostrar nos pontos de crise, ela indica o firme propósito soviético de salvaguardar seus interesses na região. Os quais incluem a saída dos ocidentais das bases na Líbia, e a substituição dos franceses na argelina de Mers-el-Khebir. Noutras palavras: para os salvaguardar em todo o litoral sul do Mediterrâneo.

Falta, entretanto, a essa força naval elemento indispensável para se completar como efetivo instrumento de pressão e de ocasional emprego bélico: cobertura aérea. Já vimos que os russos não possuem porta-aviões; e assim como é imprescindível um ataque além-mar ou mesmo uma ajuda decisiva, sem que se tenha supremacia naval (como ficou demonstrado no caso cubano dos foguetes), é também absurdo pensar numa esquadra em

operações de guerra desprotegida no ar. Isto torna muito menos enigmática toda a atenção dos soviéticos pela cobertura antiaérea das cidades e centros industriais egípcios. Garantidos estes, torna-se forçoso que o estejam sendo também os aeródromos militares, com os mesmos mísseis contra ataques a baixa altura, como os que aniquilaram a aviação egípcia em 1967. Não bastando isso, anuncia-se por fim o aparecimento de caças tripulados operacionalmente por pilotos russos, pouco depois reforçados, e, por enquanto, em missões defensivas — com o resultado de confinar os raids israelenses à frente do Canal. Entre esses caças figuram os moderníssimos e ainda não testados em combate MIG-23: que tenham vindo exatamente para o serem não parece plausível, dada a compreensiva relutância de Israel em hostilizar diretamente os russos. Isto pode querer dizer duas coisas: ou que estão dispostos a arriscar-se mais que antes, para assegurar aos árabes a firmeza de sua aliança, e garantir-se maior apoio local; ou que os aviões se destinam essencialmente a manter intactos os aeródromos, como base e germe da cobertura aérea da esquadra mediterrânica. Havendo bases, e estando a Bulgária a uma hora aproximada de vôo supersônico do Cairo, reforçar as esquadrilhas no Egito é tarefa fácil e que se mantém fiel à organização naval soviética: forças de superfície defendidas, no céu, a partir de terra.

O novo dado no levante parece tão importante, que foi escolhido para o introduzir o momento preciso em que os americanos se envolviam na Indochina de tal forma, ao invadir o Camboja, que limitaram a resposta a um alerta na esquadra do Mediterrâneo, e a pouco compensadoras gestões diplomáticas. Na verdade, tudo sugere que os soviéticos se valeram da ampliação da guerra vietnamita como de um fator de diversão, que permitiu agir quando menos ao adversário era conveniente reagir. No conjunto, isto parece tornar verossímil a interpretação que demos do aparecimento russo sobre o Egito; e se até aqui lidamos com dados do passado, talvez valesse a pena fazer algumas prospecções quanto ao futuro.

Crescendo o poderi aeronaval da Rússia a oriente, e sendo de prever a continuidade da manobra pelo incremento da influência e força nos países da África setentrional (onde sua presença é um fato) (j), amplo movimento desbordante se esboça contra o flanco sul da OTAN, numa ação que em tempos de paz evoca, nos objetivos, a dos aliados contra o Eixo antes da invasão da Sicília. E que evoca também, mas em sentido inverso e contra antagonista geograficamente oposto, os fracassados desembarques de Galipoli na guerra anterior. Mas desta vez refreá-lo é mais complexo, pelo complicado jogo econômico, diplomático, político e militar que lhe serve de instrumento, ao invés das simples armas (k).

Não é só, entretanto, pela exposição do flanco da OTAN que esta suposta intenção soviética assume aspecto sério para a defesa das nações européias: ela se transforma numa cunha a separá-las da África a que se

acham ligadas por laços econômicos, e das quais dependem como mercado e fonte de matérias-primas. Acrescente-se a isso que do norte de África a posição é privilegiada para a competição pela África Negra, ou pelo que, politicamente, chamariamos de África Indecisa, para a qual o vazio dos impérios coloniais atraiu as atenções, por vezes conflituosas, por vezes coincidentes, de franceses, ingleses, russos, chineses, americanos, belgas e muitos outros. Melhor exemplo não há — com o petróleo representando seu papel — que o da guerra de Biafra; mas a intervenção da França no Tchad, a cooperação da China na costa oriental, a república do Congo e a guerrilha na Guiné, são facetas menores do mesmo todo. Quem se firmar de futuro nessa África Indecisa e a puder fazer entrar em seus planos e previsões, terá ao dispor invejáveis recursos, e uma plataforma de onde atacar ou defender a África Austral, valiosa por sua produção e por estar noutra dos estrangulamentos das rotas do petróleo. Permanecendo esta agora em mãos ocidentais, e indecisa a África Indecisa, o norte do continente é tão estrategicamente vital (para este e para a Europa) que bem se explica o cuidado, a lentidão e frieza calculada das etapas sucessivas e coerentes da ação soviética. A qual se completaria, quem sabe, pela inclusão do Marrocos em sua órbita de influência e do Estreito na de sua vigilância, e pela obtenção de bases no Atlântico, mais abertas ao mar que qualquer das que hoje possui; e abertas sobre o trecho final das vias de navegação que, do Cabo e da América do Sul, demandam a Europa (1).

4. O TEATRO ORIENTAL

Trocando agora o ocidente pelo oriente, caberia lembrar como o caminho do Índico para o Japão fica nevrálgicamente perto do Vietnam, e como um avanço pela península de Malaca poria ao alcance do campo russo-chinês o estratégico cordão insular indonésio. Deve-se em parte atribuir a derrota das guerrilhas na Malásia e o êxito pró-ocidental na Indonésia à ausência de linhas de comunicação seguras por onde canalizar os socorros necessários, num caso pela interposição da Tailândia entre as fontes e a área de emprego, no outro pela do mar sob domínio da VII Frota norte-americana. Sendo a marcha sobre os estreitos e o petróleo o melhor objetivo local para a grande estratégia do campo comunista, e verificado que descontinuidades geográficas entre as forças executoras impedem a consecução dos fins, o rumo da ação a seguir é sem esforço dedutível. Propondo-se sempre objetivos imediatos limitados, mas encaixáveis numa progressão contínua, seria o de procurar a expansão (m) nas zonas limítrofes das regiões já controladas, mantendo a continentalidade de uma estratégia sustentada por linhas internas de comunicação.

Quando a contestação política e as eleições próximas compeliram

o governo americano a procurar saída para o impasse vietnamita, a suspensão dos bombardeios e as conversações de paz não abalaram o inimigo de sua atitude inflexível; e enquanto ela perdurava, a oposição à guerra cresceu o bastante para gerar o programa de vietnamização. Conhecida a fraca eficiência das unidades de combate sul-vietnamitas, tal programa só podia deixar dúvidas quanto à sua viabilidade, e quanto às possibilidades de resistência sem ajuda americana. Isto fazia coincidir o ponto morto nas conversações com a evolução do conflito, e com os objetivos dessa guerra parcial, que mais se deveria chamar batalha se pensada ao nível da grande estratégia. O inimigo tinha a retaguarda protegida, com suas comunicações, seus depósitos, seus campos de recuperação para lá dos limites, politicamente invioláveis por terra, das fronteiras do Cambodja e Laos e ainda da Zona Desmilitarizada: e o Vietnam do Sul via-se na desagradável situação do flanqueamento total (n). Mesmo com a permanência de vastos contingentes americanos a ameaça era real e realmente sentida, sem ser preciso que novos fatos a viessem agravar.

Mas eles vieram, e em sucessão tão rápida e coordenada que se tem de pensar numa relação de causa e efeito, conscientemente conduzida: à ofensiva do Pathet Lao pela planície das Jarres responde o golpe de direita no Cambodja; a este segue-se a pressão governamental a leste, sobre os refúgios (*sanctuaries*) do vietcong, e sua inevitável contra-ofensiva; e por fim, ante a incapacidade de o exército nacional se defender ao menos, a ofensiva americana. Examinemos, pois, com maior pormenor a questão.

O avanço pela planície das Jarres tornava o Pathet Lao senhor de todo o leste do país, favorecendo maior liberdade de movimentos e o deslocamento de tropas e suprimentos do Vietnam do Norte para os redutos vietcong na fronteira sul-vietnamita, também abastecidos a partir de Sihanoukville. Com um aumento da pressão no flanco ocidental dos aliados no Vietnam do Sul, combinado à gradual retirada dos contingentes americanos, seria de considerar que o inimigo se sentisse bastante forte para tentar a ocupação total do Laos. O perigo foi visto, e que o foi mostra-o a intervenção maciça dos bombardeios americanos, já agora públicos e oficiais.

Não se pode provar, com os dados disponíveis e sem entrar em conjecturas de política interna, se o golpe no Cambodja resultou ou não da colaboração com os serviços secretos norte-americanos. Se resultou, estava na ordem lógica do desenvolvimento da guerra, pois a vietnamização com a permanência dos refúgios fronteiriços levaria provavelmente ao esmagamento de Saigon (o), isto no caso de os Estados Unidos conseguirem efetuar a evacuação; e se não resultou, veio-lhes muito a propósito. O que custa é acreditar que, por um momento sequer e a não ser para fins de propaganda, alguém confiasse na capacidade laosiana de expulsar

ou de se defender dos vietcongs e norte-vietnamitas, combinados aos fiéis de Sihanouk. Superados em números, em material e em experiência de combate, entre eles não havia termo de comparação.

Ora, se o golpe foi dado sabendo-se as forças cambodjanas importantes para aguentar o governo e deter os comunistas, impõe-se concluir que ele contava — por garantia secreta ou calculada esperança — com o socorro da ofensiva aliada. Para o vietcong, responder ao golpe e pressão com o ataque dirigido a Phnom-Penh era sem alternativa: não se podia permitir forças contrárias que o entalavam entre duas frentes mais ou menos paralelas, e cuja junção ao norte lhe cortaria as linhas de suprimento e retirada; nem a perda do que lhe chegava sem entrave pelo porto de Sihanoukville. As operações foram rápidas e o sucesso também; em pouco tempo o leste do Mekong estava em suas mãos, a capital seriamente ameaçada, e ocupado o porto de Kep no Golfo de Sião.

Até aqui a situação, longe de se tornar animadora para o governo do Vietnam do Sul, ia na direção oposta. Não mais havia que contar com grandes redutos, depósitos e concentrações de tropas dispostas a intervalos e daí atuando, mas com um território de trânsito livre, dotado de porto de mar, com os seus santuários evoluindo para uma linha contínua flanqueante do Vietnam do Sul; e com a probabilidade de, caindo o governo do Cambodja, surgir novo e dificilmente expugnável baluarte inimigo.

Empenhados no difícil processo de evacuação de tropas e vietnamização da guerra, tampouco aos americanos restava alternativa: ou atacavam, livrando seu flanco ocidental, ou admitiam uma posição que breve se revelaria insustentável, fazendo crescer as atividades militares no país, e tornando duvidoso o êxito do repatriamento sem com isso reconhecer derrota ou a ela condenar o aliado; além do que, atrás do Cambodja iria certamente o Laos. Assim, numa perspectiva estratégica local, e pondo de lado as considerações políticas, a decisão de Nixon era fatal, e a linha de ação mais previsível: causa espanto, portanto, que na primeira investida os comunistas se tenham deixado apanhar tão despreparados como os encontraram. Mas os riscos de cunho militar, e sobretudo político, eram de tal monta, que devem ter calculado não seriam corridos, ou não seriam corridos imediatamente. Calcularam mal, e os primeiros assaltos resultaram em profundo golpe ao seu dispositivo (p).

Os objetivos pareciam claros, e mais limitados a princípio do que o foram na realidade. Investindo na área do Bico de Papagaio e depois na do Anzol, os americanos demonstraram a intenção de não só destruir os suprimentos aí localizados, mas de cortar em dois as comunicações inimigas: separando o setor norte do porto do mar, e o setor sul dos refúgios dependentes da Trilha de Ho-Chi-Minh. A isso deveria logicamente seguir-se o isolamento e envolvimento do setor meridional, e uma concentração esmagadora sobre as forças locais, destruindo-as e salvando a

capital cambodjana. Ao inimigo não seria possível reforçá-los por mar, graças à supremacia naval americana. Com isso, o setor setentrional ficaria definitivamente privado de abastecimento vital por via marítima, e o bloqueio no Golfo de Sião, assim como a subida de uma flotilha pelo Mekong, completam o envolvimento e enquadram-se perfeitamente neste raciocínio. Mas a iniciativa aliada não ficou aí, prosseguindo com a extensão da ofensiva a toda a frente Laos-Vietnam do Sul, e atingindo ao mesmo tempo novos refúgios e os prolongamentos meridionais da Trilha do Ho-Chi-Minn, além das províncias leais a Sihanouk. o movimento do Pathet Lao sobre Attopeu deve-se ter dado prevendo essa extensão: sendo um porto num afluente do Mekong, este poderia suplementar ou substituir a Trilha como via de comunicação com as províncias fiéis. Até aqui vão os dados atuais (5), que levam a crer se siga a disputa encarniçada pelo controle do Mekong entre Phnom Penh e a fronteira do Laos.

Mas da eficácia e duração do golpe pode-se suspeitar: o presidente dos Estados Unidos anunciou que retirará suas tropas em sete semanas. E depois? A experiência tem demonstrado a habilidade vietcong em reocupar terreno abandonado pelo inimigo. Contará Nixon com o tempo exigido pelo restabelecimento das instalações, para completar a vietnamização? O problema permanece: se, presentes ainda muitas unidades de combate americanas, o flanco oeste era o ponto fraco do esquema, o que dizer depois de sua volta à pátria? A situação militar anterior ressurgiria, piorada; e novas incursões seriam necessárias, infinitamente. Sem os americanos, poderá o exército sul-vietnamita proteger as cidades, dominar os campos, e ainda tomar a ofensiva em território estrangeiro? Tudo indica que não. E se o fizer, cairá o jogo preferido de Giap: oferecer ao adversário a opção entre as áreas rurais e as zonas urbanas, entre garantir os campos e expor as cidades, ou defender as cidades e deixar os campos. Como o fez na ofensiva do Tet. Seria mesmo de perguntar se não é isso que está por vir, se não é isso que começou já, se o adversário não se valerá a seu favor da dispersão resultante da ampliação da guerra, e da diminuição dos efetivos hábeis pela vietnamização do conflito.

Por tudo isso, dizíamos, pode-se suspeitar da eficácia e duração do golpe, e sobre ele três interpretações se abrem. Uma é a de que se trate de um golpe-de-mão com vastíssimas proporções, destinado apenas a desorganizar o inimigo enquanto se processa a retirada, sacrificando o Vietnam do Sul numa ação de retardamento à marcha sobre os Estreitos, e concedendo à grande estratégia do campo comunista um de seus objetivos parciais (q). Outra, a de que se esteja diante de inadmissível erro de julgamento, que viu nos santuários a verdadeira retaguarda do inimigo e na sua destruição a decisão militar da guerra, quando a retaguarda real se situa, não no Cambodja, Laos ou Vietnam do Norte, mas na Rússia e sobretudo na China. Por fim a de que, tendo consciência disto, procurasse Nixon a vitória das armas a qualquer custo, o que implicaria em ter

faltado à verdade ao estabelecer prazo para o fim da operação; e portanto que, num absurdo político e militar, esteja disposto a levar a guerra adiante, geográfica e cronologicamente. O que não se sabe é até que ponto ela poderá ir sem acarretar a intervenção da China e uma guerra terrestre generalizada na Ásia.

O termo médio, entretanto, parece possível, e no Cambodja, como no Vietnã do Sul, a alternativa será permanecer ou fazer perigar o esforço despendido; e permanecer (ou voltar...) obrigará talvez à suspensão do programa de vietnamização, fechando caminho à redução dos custos da guerra, com o corolário de repercussões internas que tal coisa trará.

5. A FRENTE DOMÉSTICA

Colocada, pois, a situação nos teatros que interessam à Eurásia e África e à competição por controlá-las, como fatos interdependentes em suas causas, efeitos e desenvolvimentos, que manifestam a aplicação de grandes estratégias com objetivos já definidos, caberá agora tentar discernir qual a sua influência sobre o que chamaremos frente doméstica.

À correta análise de que os problemas raciais norte-americanos arrancam de uma realidade sócio-econômica contraditória, na qual grandes setores da população permanecem abaixo de um nível de consumo compatível com a riqueza do país e são levados a se constituírem em grupos competidores, que elegeram como traço distintivo a cor da pele, o sonho da Great Society apresentou-se como a solução racional, atacando as raízes e não os sintomas do mal. Estes não se limitam ao ativismo negro ou à contestação estudantil, mas abrangem muitos outros grupos econômicos e sociais; especialmente as minorias étnicas com grau crescente de auto-suficiência; e esses grupos, investindo contra o sistema porquanto se vêem explorados, investem também uns contra os outros, porque, integrados nele, estão submetidos às suas normas de competição. A impossibilidade de fazer marchar no ritmo requerido os programas de reforma social, deveu-se não só aos impecilhos inerentes à própria estrutura do sistema, mas também, e substancialmente, ao desvio de recursos para o conflito vietnamita.

Desse modo, cresceram as tensões sociais e seus efeitos disruptores sobre a sociedade norte-americana, e com elas a violência espontânea, abrindo a radicalização de atitudes passo à violência organizada; violência esta que é da oposição e é das autoridades, pelo aparecimento de grupos conscientemente revolucionários e pela repressão oficial. Assim, o que foi sonho de novos tempos, mudou-se em amarga frustração;

frustração e medo: à política da **Great Society** sucedeu e foi eleita a da **Law-and-Order**, que lhe inverte os termos. Em vez de, na solução dos problemas, lhes buscar as origens e de nelas os combater, põe toda sua ênfase no endurecimento para com as mostras aparentes de males mais fundos. Preocupa-se com os sintomas ao ignorar a doença imanente, que sempre atribui a causas estranhas.

Longe, entretanto, de regredir, ela progrediu, alimentada pela hostilidade à conscrição militar (inclusive no seio das forças armadas e das instituições governamentais), e, a nível mais profundo, pelos aspectos negativos na economia do país, onde a espiral inflacionária começa e desponta o perigo de recessão. Se a inflação pode criar preocupações, pelo aviltamento do poder aquisitivo de um povo habituado, na sua maioria, a altos padrões de consumo, a recessão é perspectiva tão ou mais grave, se vista sobre o pano de fundo da atual crise social: pois apressaria o clima pre-revolucionário que se prenuncia, ao alimentar a massa desempregada e criar maior competição pelo trabalho (r).

Cuidando a **Law-and-Order** das questões internas pela forma que vimos, o mesmo proceder vislumbra-se nas relações americanas com o resto do Continente, cujos problemas econômicos e sociais são de tal monta que não sofrem, sequer, comparação com os seus. Deles se originam as condições para a eclosão da guerrilha e terrorismo em suas diversas modalidades, sem que as medidas repressivas, consideradas à escala continental, tenham logrado mais que êxitos imediatos e parciais, acirrando e firmando radicalismos. Estes movimentos, afastando-se do motim espontâneo e insequente, buscam orientação teórica em modelos revolucionários pré-existentes e nem sempre adequados à sua realidade sócio-econômico-geográfica. Mas esta última observação é de somenos importância para nossa análise; de importância é a coincidência de seus objetivos com os objetivos finais da grande estratégia do campo russo-chinês, isto é, a substituição do sistema capitalista pelo comunista, por meios revolucionários ou outros.

Procurando caminho entre a revolução popular e a dependência econômica dos Estados Unidos, os regimes nacionalistas, no estilo militar peruano e boliviano, ou no democrata-cristão chileno (s), perseguem uma terceira solução, mas a braços com pesadíssimos óbices econômicos que radicam na necessidade de competir, por seus próprios recursos e mercados externos e internos, com interesses particulares estrangeiros. A influência política dos quais consegue transferir para o nível das relações internacionais a competição surgida, gerando novas tensões que repetem, à escala das nações, a oposição interna entre possuidores e não-possuidores. Essas tensões, como o vazio criado pela falta dos impérios coloniais em África, são tecundas para a exploração diplomática pela ajuda econômica e pelo intercâmbio comercial. Não foi sem razão que os russos voltaram suas atenções para os países da costa oeste sul-americana, dois

dos quais, significativamente, se aparentam muito, sob o aspecto político, ao nacionalismo nasserista: cuja entrada na esfera de influência soviética partiu de aproximações do mesmo tipo.

Absorvidos e assoberbados pela guerra no sudeste asiático, e enleados nas características de seu próprio sistema, os Estados Unidos revelaram-se impotentes para se protegerem pelo único método eficaz: investimentos internos maciços capazes de elevar o nível de vida de suas populações, urbanas principalmente; e a criação de uma estrutura de relações sócio-econômicas entre seus diversos grupos e classes sociais, essencialmente diferente da de hoje. Método esse que se complementaria numa política interamericana que não fosse a aplicação exterior da **Law-and-Order** ou o desentendimento aberto pelo conflito de interesses, e sim visasse radical e completa reformulação estrutural.

6. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

Expostos os dados que se julgaram essenciais à compreensão, em suas vigas mestras, do momento internacional, e, antes, os objetivos finais das grandes estratégias em análise, há de se ter notado o pouco tratamento dado à existência de armas atômicas: mas é que essa existência mesma, pelo caráter catastrófico de seu emprego, obriga a procurar noutras direções e não na sua, meios adequados à obtenção dos fins. Seria agora talvez ocasião de tentar a síntese, avaliar os métodos e perscrutar-lhes seu significado futuro.

A ação russa no após-guerra tem sido de todas a mais cautelosa, fugindo a riscos e ao confronto direto com os Estados Unidos, seu único opositor de respeito. Parecendo que não, a questão dos foguetes em Cuba é exemplo excelente: mal se evidenciou resistência firme, recuou, e outra coisa não era oportuna, pois não querendo e não podendo recorrer aos mísseis intercontinentais, falecia-lhe poder naval para forçar o intento com armas convencionais. Nem estas seriam eficazes, estando Cuba tão perto do adversário e tão dependente de uma desprotegida e extensa linha de comunicações marítimas. Recuando, e negociada solução razoável para as partes, voltou a Rússia à sua velha continentalidade, para dela sair, e assim mesmo só na aparência, ao prestar auxílio aos árabes. É neste auxílio que se evidenciam melhor seus métodos atuais, e a adequação de novos meios aos fins visados, pelo uso sistemático do potencial econômico e industrial para chegar a resultados de ordem estratégica. Ao invés de apoiar um movimento revolucionário popular, explorou os planos de clivagem presentes no relacionamento das metrópoles capitalistas com seus dependentes econômicos, apoiando os que tendiam a escapar da órbita de influência ocidental. Em menor escala, o auxílio à Nigéria contra Biafra apresenta o mesmo caráter, e também isso se pode dizer quanto às gestões na América do Sul. Sem perder de vista,

é crível, a intenção final de substituir um sistema sócio-econômico pelo outro, essa forma de agir protela a revolução ao nível interno dos países a que se liga, para tentar conseguir a desagregação do sistema ao nível internacional. E põe a presença militar direta como instrumento de último recurso, aparentemente virado para a intervenção na luta de terceiros, mas realmente para a perseguição dos objetivos próprios.

Norteando-se embora por uma grande estratégia cujos fins coincidem com os dos russos, em relação aos países ocidentais, a China debate-se com problemas que a obrigam a investir dentro de suas próprias fronteiras; daí que sua ação diplomática, sua ajuda econômica, suas possibilidades de participação concreta em outros lugares sejam muito menores que as da outra potência comunista. Sua atitude agressiva corresponde tanto à necessidade de conseguir voz no concerto internacional, às pressões internas, e à inferioridade econômica e industrial — militar — que lhe vedam métodos semelhantes aos da Rússia —, quanto a convicções ideológicas. A atuação pelo estímulo teórico, didático, financeiro e por vezes material aos movimentos de luta armada insurrecional, compreende-se como a mais adequada aos meios disponíveis, sem que outras formas de influir estejam sendo desprezadas. Mas a presença militar direta só veio até hoje em conflitos que, pela proximidade e amplitude, lhe ameaçavam as fronteiras: na Coreia e, dizem-no as notícias (embora deias se possa cuidar), no norte da Indochina após o alargamento da guerra (t). Isto sem considerar os atritos de ínfimas proporções nas zonas limítrofes da Índia.

Comparando agora China e Rússia, coincidentes nos fins e coincidentes também na grande estratégia determinada por eles e por condicionamentos geográficos, vemos que, na ação, divergem taticamente: divergência tática essa por sua vez funcionalmente relacionável ao grau de desenvolvimento industrial e econômico de cada uma. Essa coincidência, porém, não exclui competição ou conflito nas áreas disputadas pela expansão de seus particulares subsistemas, sejam elas ideológicas ou terrestres: deste caso, a fronteira sino-soviética, a costa oriental da África e a Indochina são instâncias diversas. Com o paradoxo da competição por influência resulta em colaboração de fato, no último caso, que se explica pela importância geoestratégica da região no quadro da oposição global comunismo-capitalismo, e de ambas as potências comunistas entre si.

Após duas respostas inteligentes, e só possibilitadas pelo momento excepcional, pela ocupação militar efetiva e pelo domínio político absoluto, às condições sociais para eles desfavoráveis no Japão e Alemanha vencidos, os Estados Unidos enveredaram por outro rumo, de que Taiwan é caso de exceção. Liquidados a aristocracia e o militarismo tradicional japonês graças à reforma agrária conduzida pelo ocupante,

lançaram-se ali as bases de um regime conservador e de uma economia rica, que transformaram a nação no único representante válido do capitalismo na Ásia. Na Europa, o plano Marshall permitiu a reconstrução de uma sociedade próspera (que se beneficiou do arrasamento do parque industrial na guerra equipando-se modernamente) nas zonas limítrofes do bloco soviético, às quais o colapso político, a desorganização social e a localização geográfica tornavam em mais provável alvo da expansão comunista. Depois disso, abandonando o rumo que se revelara eficiente e positivo, passou o país a respostas superficiais, parciais e demasiado diretas, pelo manejo dos serviços secretos ou do poder militar, a desafios que nas áreas de influência lhe eram dirigidos indiretamente: China, Coreia, Líbano, Indonésia, Congo, Vietnam, Cambodja, Laos.

A premência de tempo, os complexos interesses econômicos em jogo e seus reflexos políticos, o domínio local instável pelas tensões inerentes ao seu objeto, as condições explosivas encontradas, tudo isso cortou a saída para a reformulação estrutural que se impunha, supondo-se — o que é altamente discutível... — que ela quisesse ser tentada. Aquelas respostas diretas, e mesmo quando foi o primeiro a intervir abertamente, caracterizaram-se por uma atitude estrategicamente defensiva à escala mundial: implicando isto em reconhecer que a iniciativa está pertencendo a um adversário que se mantém na ofensiva. E que isso faculta o agravamento das tensões existentes no seio do sistema sob ataque, enfraquecendo-o e distraíndo-o: participando da guerra na Ásia, os Estados Unidos abstiveram-se da de Biafra, na qual a Rússia apareceu; e quando aquela se agravou, os russos introduziram seus pilotos em vôos operacionais no Egito. Assim, a absorção americana por mais tempo na Indochina propicia progressos favoráveis ao adversário, pelos mesmos ou diferentes meios, especialmente na frente doméstica, no Oriente Médio e no sul do Mediterrâneo. Levantando a hipótese de que não consiga desengajar combate, e tendo em conta a continentalidade do proceder russo-chinês, o sul da Ásia aparece como o alvo a ser mais rapidamente envolvido e longamente disputado (u); e a África não-austral, como o mais fácil e desprotegido. Surgindo entretanto o continente americano e a frente doméstica como a pedra de toque na decisão do confronto (v). Vista a interdependência dela e dos acontecimentos externos, conclui-se que a quem mantém a ofensiva, não ajuda a paz no Canal, muito menos na Indochina.

Discutida nestes termos a questão, em seus efeitos contra os Estados Unidos mostra-se a ampliação da guerra indochinesa como a maior campanha diversiva já havida. O que seria, se fosse, um acerto ao nível da estratégia, e mesmo ao nível local da grande estratégia, afigura-se grave erro e falta de visão à luz dos objetivos finais da grande estratégia contrária e dos interesses nacionais americanos (x). Em última análise, segue a trilha do mais conveniente a seu inimigo. Da verdade disto só o futuro o poderá dizer; mas talvez então, se a precipitação de

um lado ou o acossamento de outro não levar ao suicídio atômico, seja preciso constatar que a terceira guerra mundial foi combatida com choques parciais localizados mas de alcance global, nem sempre classicamente militares ou militarmente convencionais, e se caracterizou pela ação indireta.

* * *

NOTAS

1. - Número de divisões: China, 118 a 120; Rússia Européia, 70; Europa Oriental, 31 soviéticas, 62 nacionais (*Time*, 4/5/1970: 37).
2. - Bases principais: Severomorsk no Mar de Barentz; Kallningrad no Báltico; Sebastopol no Mar Negro; Vladivostok no Mar do Japão. A derrota russa de Tsushima demonstra como os acessos prejudicam essas bases.
3. - 19,5 divisões da OTAN (*Time*, *Ibid*).
4. - A geografia impõe constantes à consideração estratégica, como o demonstram os desembarques japoneses na península e arquipélago malaio, simultâneos ao ataque a Pearl Harbour.
5. - Até 19 de maio de 1970.
 - a) - Bastaria, a este respeito, lembrar a disputa entre Truman e MacArthur durante a guerra da Coreia, e a inviolada fronteira chinesa ao longo do conflito na Indochina.
 - b) - Posterior a estas linhas é o aparecimento de forças navais russas, com respeitável poder, no Índico, e no Atlântico Norte também. Neste último caso em ostensivas manobras, com o intuito patente de se demonstrarem capazes de hostilizar a retaguarda da OTAN, num movimento de pinças cujo braço meridional é a frota do Mediterrâneo e toda a política ali desenvolvida. Posterior também é a descoberta fotográfica, por satélites norte-americanos, de uma quilha em estaleiros da Criméia cujas dimensões parecem indicar a construção do primeiro porta-aviões (de ataque?) da esquadra russa. Somados, os dois indícios apontariam para uma modificação da estratégia naval soviética, de defensiva para ofensiva, e a intenção de disputar o domínio dos mares. O que parece confirmar-se com o exercício pelos ocidentais cognominado "Okcan 1975", e com a existência, em maio de 1975, de três porta-aviões na armada russa — embora o *Kiev*, o mais moderno deles, tenha 35.000 toneladas.
 - c) - Nesta ocasião, eram escassas as evidências de que os estados árabes fossem capazes de alcançar a coesão internacional necessária à imposição de um boicote, e à elevação maciça dos preços do petróleo. Com isso mostrou-se o Ocidente altamente vulnerável num outro nível que não o estritamente militar, pois todo o funcionamento de seu sistema sócio-econômico se encontra dependente de uma fonte quase única de energia, insubstituível a curto prazo. A produção industrial, e o próprio potencial de mobilidade e ação das forças ocidentais com armamento não-atômico estão agora condicionados à atitude política dos fornecedores de combustível, e não apenas às possibilidades de ataque submarino contra suas vias de comunicação. Favorecendo isso, por-

tanto, a grande estratégia do campo que lhes é contrário.

- d) - E o alarme com que viu os acontecimentos ultramarinos e metropolitanos posteriores à revolução portuguesa de 25 de abril de 1974, pois alteraram o domínio de pontos estratégicos na rota do Cabo (Moçambique, Angola, Guiné, Cabo Verde e Lisboa) e na retaguarda da OTAN.
- e) - Com reflexos na inflação e no desequilíbrio de pagamentos à escala internacional, que acabou por afetar a estabilidade do próprio dólar.
- f) - E agora, com mais longo intervalo entre a ação e seus efeitos, por um boicote petrolífero.
- g) - "Evitar atacar frontalmente uma posição estabelecida há muito tempo e, em lugar disso, procurar desbordá-la por movimento de flanco, de modo a que o lado mais penetrável exposto à investida..." (Liddel Hart - *As grandes guerras da História/Strategy/*. Trad. de Aydano Arruda. São Paulo, IBRASA, 1963, p. XIX).
- h) - Desta oposição acabou por derivar a ação conjunta na manipulação do petróleo como arma, e desta, por sua vez e numa conseqüência reflexa, maior coesão da etnia árabe multinacional na defesa de interesses econômicos e políticos comuns; antagonísticos aos dos países ocidentais, sua defesa acaba por se tornar favorável ao principal adversário destes últimos.
- i) - A morte de Násser e a ascensão de Sadat veio mudar este quadro, com um recuo, em termos locais, dos soviéticos, e certa reaproximação com os Estados Unidos. Isso, entretanto, não alterou a problemática do petróleo, nem evitou a presença naval russa naquele mar, que são os dois pontos cruciais da questão.
- j) - V. nota (i).
- k) - Basta ver as gestões diplomáticas de Kissinger no Oriente Médio, cujas tentativas de mediação entre árabes e israelenses chegaram a ponto morto no primeiro semestre de 1975.
- l) - Parece ser esse o principal temor da OTAN e, de modo mais geral, do Mercado Comum Europeu, diante da revolução política portuguesa, apesar das sucessivas declarações de Portugal quanto à sua fidelidade aos compromissos internacionais.
- m) - Expansão que se manifesta ou no estabelecimento efetivo do sistema comunista nestas zonas, ou em sua neutralização. Esta, que implica em desalojar a influência ocidental, estrategicamente representa um recuo do adversário principal. Após a queda de Phnom Penh, o Camboja declarou-se formalmente neutralista, apesar das dúvidas que cabem a respeito, e os países do Sudeste da Ásia iniciaram um movimento geral de revisão das relações com os Estados Unidos.
- n) - Observe-se a particularidade geográfica do Vietnã do Sul, nesta guerra em que a *frente* verdadeira (se se pode falar de frente) é paralela e não perpendicular às linhas principais de abastecimento, que se tornam em extremo vulneráveis a qualquer penetração no dispositivo.
- o) - As ocorrências do primeiro semestre de 1975 confirmam parcialmente esta previsão, pois a fracassada tentativa de reorganizar as forças, mediante a retirada estratégica e o abandono de certas províncias, resultou na debandada das divisões do Vietnã do Sul, e levou o Vietcong às portas de Saigon.
- p) - Esta errada interpretação derivou das primeiras notícias vindas do *front*, indicando a captura de grandes quantidades de suprimentos e armas. Mas viu-se posteriormente que o Vietcong havia evacuado a tempo o grosso de suas tropas e, mais importante, seu comando na região.
- q) - Das três interpretações, verifica-se hoje que era essa a correta, e que a invasão afastou a hipótese de um possível Dunquerque durante a retirada americana, só completada após os acordos de paz de Paris. Foi, portanto, medida acertada em suas intenções, no sentido de liberar os Estados Unidos para maior presença em outros e mais importantes pontos, no Oriente Médio em primeiro lugar. Mas o tempo perdido até completar o desengajamento dimi-

- nuiu sua eficácia global, quase anulada pela crise do petróleo.
- r) - Tal clima atenuou-se em anos posteriores, mas nem por isso desapareceram as causas apontadas. E quando a inflação, o desemprego e outros resultados da crise econômica pressionarem mais a classe média americana, à atitude revolucionária das minorias deverá corresponder a tendência cada vez mais conservadora das majorias, ameaçadas em seu nível de vida e em suas oportunidades de trabalho.
 - s) - Na Bolívia, essa experiência desapareceu, com o golpe que a afastou do poder. No Chile, as posições radicalizaram-se, afastando-se da linha média proposta pela Democracia Cristã de Freire, primeiro no sentido socializante de Allend, depois na direção diametralmente oposta. A tendência para anular os nacionalismos tornou-se também presente no Peru.
 - t) - Na realidade, parecem ter sido falsas essas primeiras notícias.
 - u) - Foi possível desengajar combate; mas isso não impediu nem impedirá, tudo o indica, que a disputa prossiga.
 - v) - Frente essa vulnerável, sobretudo, por meios econômicos, indiretamente aplicados pela competição à escala mundial, com seus custos elevados, e pela criação de instabilidade e carestia no fornecimento de energia.
 - x) - Admitida a interpretação de que a invasão foi golpe-de-mão para permitir a retirada, não teria sido, portanto, um erro: foi um acerto que a falta de tempo impediu de frutificar. E tendo impedido, transformou em erro.